



Empresas familiares: para lá do poder

Peter Villax

Na sua coluna semanal do Expresso (13-4-2019), Francisco Louçã volta ao tema das empresas familiares realizando uma análise enciclopédica da sua longa história e do seu considerável poder. Mas a análise tem algumas incorreções, e a síntese que dela quer extrair é, a meu ver, incorreta.

A maior falha é pensar que as empresas familiares têm uma alma própria que as leva a vencer sempre todas as tempestades, muitas vezes por compadrios, quando não por ações ilegítimas. Não é assim. Existem vários casos, mesmo na história recente, onde todas as redes de conhecimentos e influências não chegaram para ultrapassar as fraquezas do balanço e o peso do passivo. Se o Banco Espírito Santo é exemplo dessas influências, é também a confirmação que há realidades contabilísticas que não permitem salvação.

Algumas empresas familiares têm uma longa história, e Francisco Louçã refere de novo as famílias florentinas, que mantêm o seu poder há séculos, tal como já tinha escrito em setembro (Expresso 8-9-2018). O que interessa aqui é analisar como conseguem manter essa posição. Tal acontece, em primeiro lugar, porque estas empresas são exímias em transmitir o seu conhecimento dos negócios, e em educar as novas gerações a preservar o património. Em segundo lugar, porque aprendem a coexistir num ecossistema de leis e de usos que lhes merece a aceitação da sociedade. Em terceiro, e o mais importante fator, porque são o maior motor de emprego que jamais existiu. Aliás, é constatar como os sistemas políticos que proibiram ou perseguiram as empresas familiares — desde a longínqua União Soviética à recente Venezuela — acabaram por falir.

Preservar e ampliar esse património não é automático. São dias de trabalho longos, a preocupação constante com pagar salários, encontrar novos clientes, gerir a dívida, arranjar novas fontes de financiamento. É pouco tempo para a família e para os filhos. Essa é a nossa realidade. E além do dinheiro, temos o sonho. O sonho de empreender, de fazer, criar, transformar, para nós e para todos. O desafio constante de nos adaptarmos ao mercado e às novas tecnologias que o mudam de um dia para o outro. Se Darwin não tivesse existido, tê-lo-íamos inventado.

A preocupação central do artigo de Francisco Louçã são as desigualdades entre os que têm e os que não têm. Ora, não são as empresas familiares que geram essas desigualdades diretamente mas sim a aplicação do conhecimento que detêm e acumularam, por mérito próprio. Experimente colocar as dezenas de milhares de funcionários da Jerónimo Martins ou da Sonae num estádio, e o que produzem? Nada. No dia seguinte, no seu posto de trabalho, organizados, sincronizados, alinhados com os clientes, fornecedores e administração, são uma máquina! É esse conhecimento que as famílias empresariais oferecem para garantir postos de trabalho e prosperidade, gerando 70% do produto interno bruto em Portugal.

E que vamos fazer com o conhecimento? Vamos nacionalizá-lo? Portugal tem neste momento a sua geração mais bem formada de sempre, o seu maior potencial para aumentar ainda mais o saber, para empreender e criar mais empresas e mais valor. As empresas familiares estão fortes e recomendam-se.

Presidente da Associação das Empresas Familiares